



O peso distinto do relógio

uma história majestosa de

Tomás Antônio Alencar

e A. P. Arendt



O peso distinto do relógio

uma história majestosa de

Tomás Antônio Alencar
e A. P. Arendt.

Traduzida do francês por A. P. Arendt.

Em julho de 2019

Revisão: Francisco Merçon

Ilustração: Luíza Manhães

Projeto gráfico e diagramação: Ars Ventura Imagem e Comunicação

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Alencar, Tomás Antônio

O peso distinto do relógio : uma história majestosa / Tomás Antônio Alencar e A. P. Arendt ; [ilustração Luíza Costa] ; traduzido do francês por A. P. Arendt. -- Brasília, DF : Railssa Alencar, 2022.

ISBN 978-65-990855-4-3

I. Adoção - Literatura infantojuvenil I. Arendt,
A. P. II. Costa, Luíza. III. Título.

22-II6752

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Adoção : Literatura infantil 028.5
2. Adoção : Literatura infantojuvenil 028.5

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

Agradecimentos: Mamãe e Itamaraty.



CAPÍTULO I

Seus pais se divorciaram há dez anos, ele era pequeno.

Sua mãe o deixou em um orfanato.

Uma pessoa abriu a porta e viu este bebezinho. Não sabia a pessoa que, cinco anos depois, ele seria o mais brilhante aluno ali, de todas as crianças.

Com apenas seis anos de idade, ele sabia como construir coisas muito complicadas com Legos, ele sabia como fazer equações e podia ler livros com um vocabulário difícil.

Mas ele não estava satisfeito com tudo isso, ele queria saber onde estava sua verdadeira família.

Ele era apenas uma criança, estava muito triste, sempre de mau humor. Ele não tratava muito bem as pessoas que cuidavam dele, mas no fundo ele guardava para si que era uma pessoa muito boa.

Cinco anos de tristeza se passaram, e em 14 de junho ele completou onze anos de idade.

Ele queria ser uma pessoa nova nesse ano, queria mudar, fazer amigos e ser uma pessoa sempre de bom humor.

Naquele dia, seus cuidadores disseram-lhe que o serviço social o chamava para anunciar que haviam encontrado pessoas dispostas a adotá-lo.

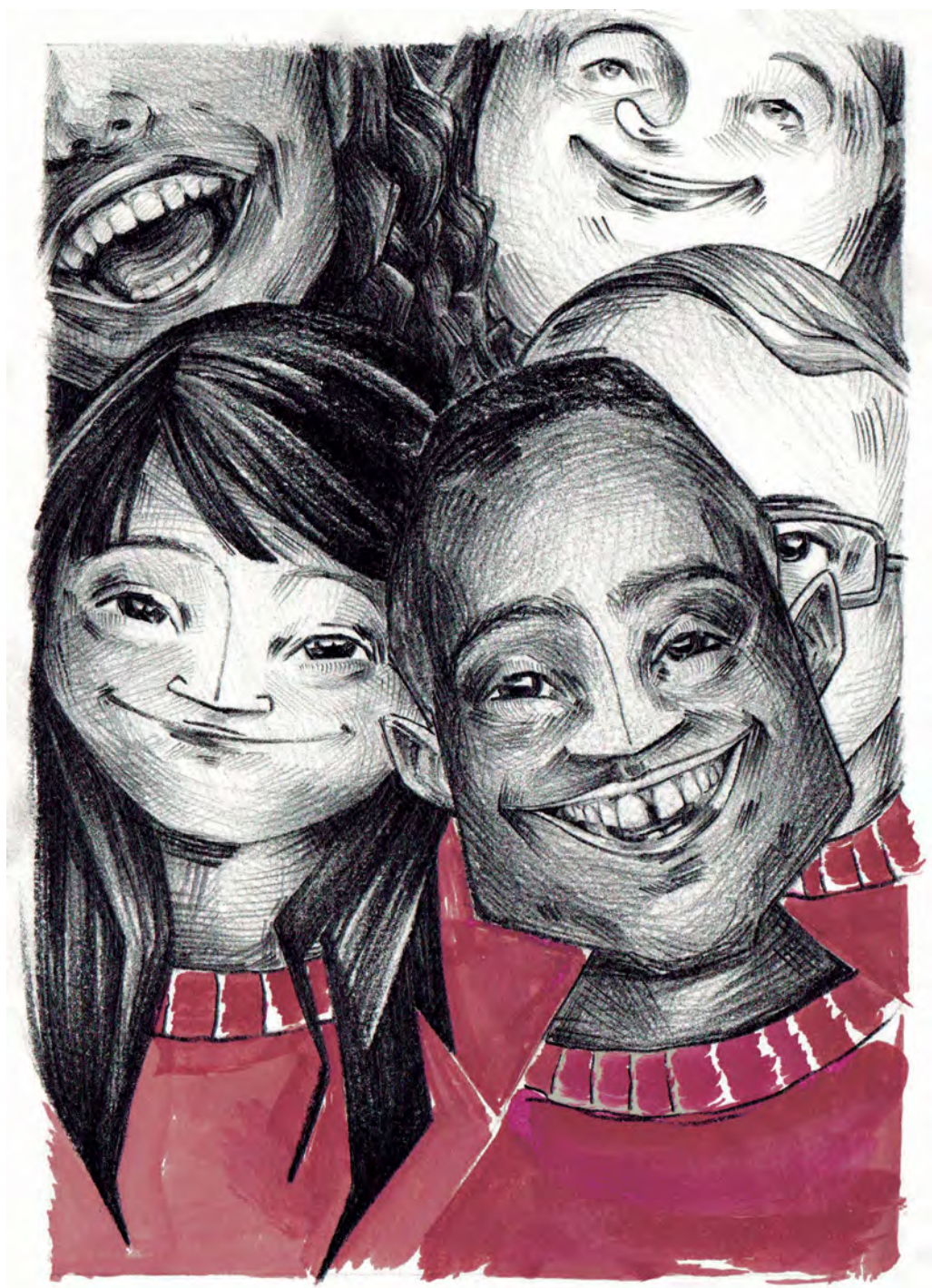
Foi o melhor dia da sua vida.

Nos serviços sociais, eles disseram que a nova família de Marcos eram os “Santos”. Eles eram brasileiros, mas sabiam muito bem como falar francês. Ambos os pais, Martha Santos e Carlos Santos, seu filho Mathias Santos e sua filha Franchesca Santos.

CAPÍTULO 2

Ele chegou em casa com muita esperança.
Ele observou a casa deles, era humilde.
Ele implorou a algo invisível para que as pessoas fossem legais.
Abriram a porta e o receberam com muita gentileza.
Eles o convidaram para comer.
Fizeram uma comida tradicional do Brasil.
Eles se sentaram à mesa para comer.
Haviam feito feijoada: ele provou e gostou muito.
Depois de comer, mostraram-lhe seu quarto, o qual compartilhou com seu novo irmão.
Seu irmão era um fanático por super-heróis e pelos personagens da Disney. ele amava o filme “Toy Story” e o filme “Procurando Nemo”.
Seu quarto era pequeno mas confortável, havia brinquedos de todos os super-heróis.
Sua mãe disse a ele que iria começar a escola na próxima semana.
Foi comprar materiais para a escola: o kit escolar e tudo o que há no kit, sua mochila e seus cadernos.





CAPÍTULO 3

Na escola, ele encontrou novos amigos: seus novos irmãos se apresentaram uns aos outros.

Ele não queria falar muito sobre si mesmo.

A Diretora da escola o recebeu e colocou à sua disposição o serviço do psicólogo que se dedicava a crianças que não se comportavam muito bem.

Um pouco receoso de ser confundido com uma criança problemática, ele agradeceu pela disponibilidade, e preferiu se dedicar às muitas coisas do mundo de uma criança: brincadeiras, brinquedos, videogames, discussões com amigos, futebol, preocupação com o boletim de notas, revistas, literatura e deveres de casa.

As coisas estavam indo bem em casa.

Em casa, seu novo pai e sua nova mãe gostavam dele.

Eles contavam histórias antes de dormir, preparavam o café da manhã e o almoço que ele levava para a escola.

Era diferente, comer uma refeição feita por sua mãe, de comer uma refeição na escola.

Ele se sentiu amado, alguém se importava com seus sentimentos.

Então ele também reparou que a Diretora estava se dando bem com ele. Ela o observava com frequência durante o recreio.

Ele desenvolveu uma certa amizade com ela, mesmo que nunca tivessem falado um com o outro.

CAPÍTULO 4

Foi então em uma quinta-feira de maio, que algo diferente em sua vida aconteceu.

Ele estava esperando por seus pais, a propósito do final daquele dia na escola.

Cada colega saiu com o seu respectivo pai ou sua respectiva mãe.

Ele tinha certeza de que seu novo pai ou sua nova mãe apareceriam a qualquer momento.

Mas ainda assim eles não estavam lá.

Ele ficou um pouco preocupado.

Ele achou que seus pais o haviam abandonado.

Como seus pais biológicos.

Ele se entregou imediatamente a um pensamento que era precisamente o completo oposto do que havia pensado alguns segundos antes: agora tinha certeza de que eles não viriam.

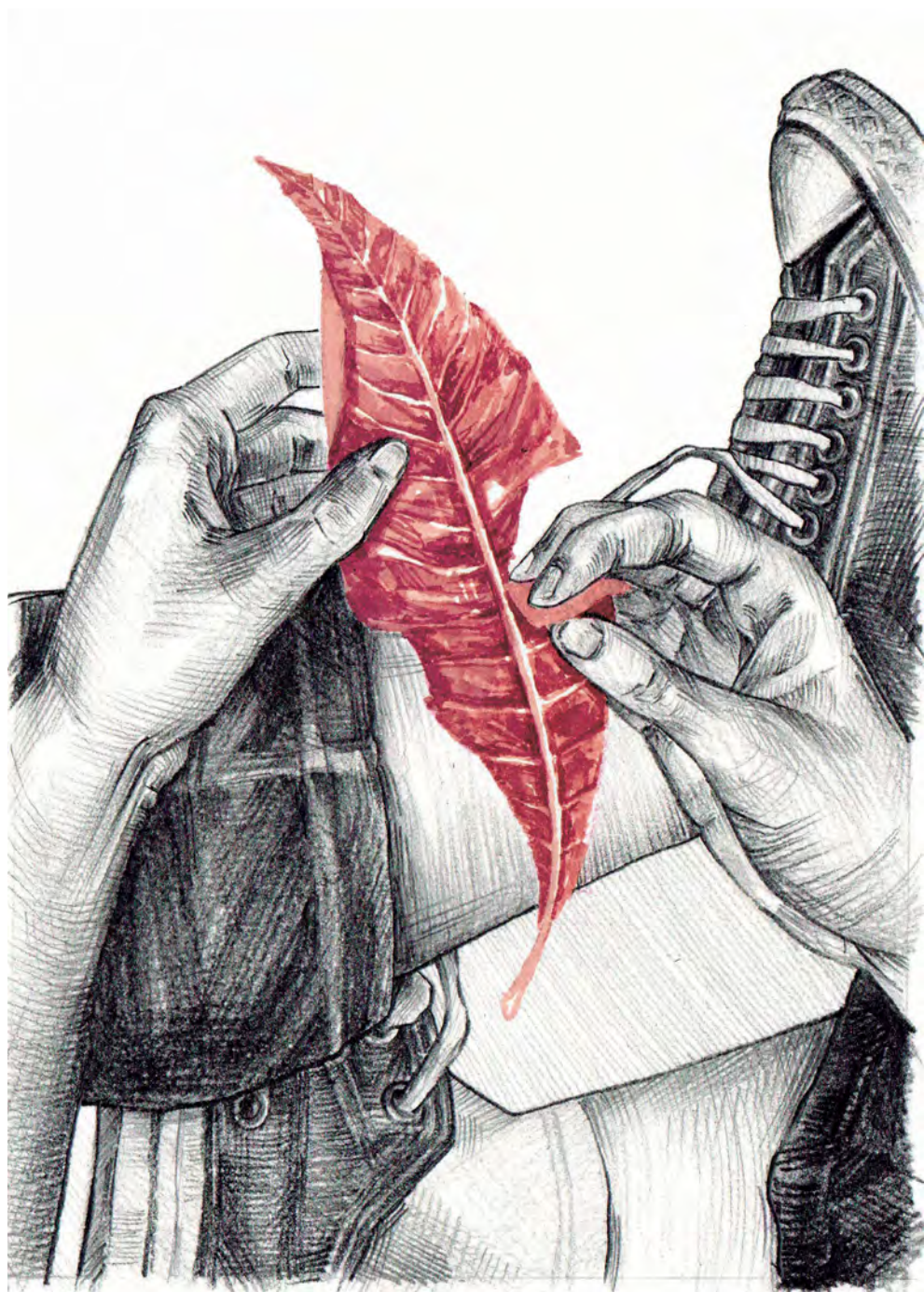
Isso parecia lógico: se até para seus pais biológicos, para quem os vínculos biológicos são mais fortes, ele não era importante, então, para pais legalizados pela Justiça, seria a mesma coisa.

Eles não viriam, eles estavam dedicados aos seus assuntos, coisas mais importantes que ele, as quais ele francamente desconhecia.

Tinha certeza de que voltaria ao orfanato: e a vergonha diante dos colegas, o que diria aos colegas?

Eles perguntariam sobre o que ele havia feito de errado, seu erro, para ter de retornar ao orfanato, o pior lugar do mundo para uma criança.

Como seus novos pais não chegaram, ele foi enviado para a sala da Diretora.





CAPÍTULO 5

Ele abriu a porta da sala da Diretora.

Ela olhou para ele atentamente. Ele não tinha tempo nem paciência para olhar as coisas bonitas ao seu redor na sala.

Ele foi totalmente dominado pela narrativa que suas piores expectativas produziram. Foi terrível.

Seu corpo, a dor. Começou a chorar. A chorar muito.

A Diretora se levantou.

Ela caminhou em direção a ele.

Cobriu-o com seu suéter para fazê-lo ser bem-vindo. E lhe ofereceu um copo de água.

Ela mostrou vários livros nas prateleiras, todas aquelas histórias favoritas que seus novos pais liam para ele.

E começou a chorar de novo.

Ela perguntou, o que estaria acontecendo?

Ele tentou com alguma dificuldade perguntar se ela sabia da sua história.

Ele não conseguia nem terminar a frase sem chorar.

Ela contou que conhecia sua história e queria ajudá-lo.

Ele disse que estava desesperado e que esses novos pais não gostam mais dele.

CAPÍTULO 6

Ela tentou acalmar o pobre menino, ele ficou confuso, mas controlou sua angústia.

A Diretora disse que ele estava se deixando controlar por um mau pensamento: de que seus novos pais o abandonaram.

Ela tenta recordar a ele de que ele não está completamente convencido disso.

Ele respondeu dizendo que já havia passado por essa experiência quando era pequeno.

Ele pergunta se ela tem pais, e ela respondeu que sim, e que se esqueciam dela o tempo todo na escola.

Ela tentou dizer a ele que não é grande coisa que seus pais se esqueçam de ir buscar a si uma vez na escola. Contou a ele que seus pais a esqueciam na escola muitas vezes, o tempo inteiro.

Ele ficou triste com ela, recordando que ela nunca passou pela sensação de ser esquecida em um orfanato.

Ela o faz rir um pouco com sua história para esquecer do que estava acontecendo.

Passaram-se duas horas, e nada de seus pais.

O silêncio retorna à sala e Marcos pergunta se seus pais vêm.

Eles não sabem o que fazer.

Marcos perguntou se, na hipótese de eles realmente o terem esquecido para sempre na escola, ela iria visitá-lo em seu orfanato.

Ela disse a ele que sim, claro.

Ele queria pegar um livro para ler, mas pensou novamente em seus pais que liam para ele antes de dormir, e começou a chorar de novo. A Diretora novamente o consolou.

Ele pergunta se ela é mãe.

Ela responde que sim.

Ele diz a ela que ela efetivamente parece ser uma.





CAPÍTULO 7

Por alguma razão, ele encontrou coragem para perguntar se ela era mãe, mas não podia perguntar à Diretora se ela queria mais um filho, para o caso de seus novos pais não aparecerem na porta em alguns instantes.

Ele não suportaria a resposta negativa.

Como se tivesse ouvido seus pensamentos, ela pergunta por que ele pensa tanto nas possibilidades negativas.

Marcos responde que acha que devemos sempre pensar no pior para estarmos preparados.

Ela recomenda a ele que precisamos pensar em possibilidades positivas também.

Contou que quando pensamos em possibilidades positivas, mesmo diante de uma situação terrível, encontramos maneiras e caminhos nos quais não havíamos pensado, para evitar o sofrimento.

Bons palpites algumas vezes se tornam realidade, pequeno Marcos.

Ela lhe pergunta o que ele acharia se ela o recebesse em sua casa com seus filhos.

Ele não sabia o que responder. Fora de questão que se tratava de uma Diretora incrível!

A Diretora contou que o observava bem todos os dias. Que ele era muito bom aluno.

Lembrou que ele é forte e que há grandes deveres para aqueles que são mais fortes.

Ele considera que não é forte em tudo. Afinal ele estava chorando.

A Senhora Diretora disse que não é nada disso. Quem é forte também chora e encontra força para pedir e receber ajuda.

Ela saiu da sala, deixou-o com um livro e acendeu um cigarro. Ele então saiu da sala, porque ele não entendeu uma palavra no livro que estava lendo, e queria perguntar o que queria dizer aquele trecho do livro à Diretora. Ele a encontrou enquanto ela fumava.

Ele chama a sua atenção, lembrando que fumar é um mau hábito. Ela não respondeu, tomada de surpresa, mas instantaneamente apagou o cigarro.

Ele não chorou mais.

Riram e se abraçaram. Um abraço longo e apertado.

E sua mãe chegou! *Voilà!* Finalmente.

Ele correu para entrar no carro. Olhou para a Diretora pela janela. Sua mãe gritou alguma coisa... Atrasada no trabalho... Ela estava trabalhando por ele.

Curiosamente, no final da história, pensou Marcos, foi ele quem abandonou a Diretora... Mas ela não ficou triste e acenou a ele.

Qual foi a terrível suposição com a qual a Diretora se deparou? Ela não contou nada ao pequeno Marcos, mas estava pensando na hipótese de seus pais terem morrido. Por que outro motivo uma mãe não buscaria seu filho, se pudesse?

E se nós morrermos um dia? Melhor não se preocupar com isso, ela pensou. É o destino de todo homem, toda mulher, depois de algum tempo... Mas, para vencer o tempo, sabemos que sempre haverá quem o Sr. Tempo não conseguiu levar... Sempre encontraremos nos outros e em nós mesmos algo do que necessitávamos de nossos pais. A vida sempre vence.

Uma história majestosa, o menino perdido de sua família, que é encontrado e acolhido por novos pais. Ele finalmente vê preenchidas as expectativas que a vida antes lhe havia negado. Foi leve como a luz de um relâmpago, a sua alegria; porém pesada como uma pedra, a espera. E o instante se tornou delicado como uma pena, quando a espera foi preenchida pela ternura de sua Diretora, que tomou o peso do momento para si mesma... Ele então aprendeu os distintos pesos possíveis do relógio.

FIM



Tomás Antônio, 10 anos, brasileiro, é estudante do Lycée Français Jules Supervielle. Gosta de jogar futebol, de videogame, de matemática, é fluente em português, espanhol, francês, inglês e hoje estuda coreano. Seu passatempo favorito é conhecer novos lugares e brincar com a sua mãe e os seus irmãos.



Ana Paula Arendt é poeta e diplomata brasileira.

“Gostei muito do livro. O narrador cria diferentes expectativas no leitor que se solidariza às emoções da criança. E as emoções permanecem quando fechamos o livro”.

Francisco Merçon, linguista,
semioticista e Professor de Letras.

